

V Á R I A

UM AR DE SUA GRAÇA A RAINHA D. MARIA II DE PORTUGAL

Resumo da palestra realizada na Sociedade Portuguesa de Numismática em 28-11-1954.

A semelhança que existe entre a efígie da nossa rainha D. Maria II e a da rainha Victoria, de Inglaterra, nas moedas dos respectivos países, despertou há tempos a minha atenção e provocou as considerações que vão seguir-se.

A moda da época, o legítimo direito e costume do gravador, escultor ou pintor de criar um tipo e de o manter através das suas obras, é o que se chama estilo, sendo o efeito desta maneira particular de expressar ideias (ou feição especial nas criações) que consagra o autor e o distingue dos seus émulos.

Mas, nem esta determinante, nem o facto desta distinção ser uma manifestação de personalidade, invalidam a conclusão por mim alcançada e que é a «de o perfil da nossa rainha D. Maria II ter dado origem ao da rainha Victoria que correu mundo em milhões e milhões de moedas e selos da Gra-Bretanha.

A moeda decimal portuguesa, criada pela Lei de 24 de Abril de 1835 e na qual apareceu o novo perfil de D. Maria II, foi gravada no ano de 1836 (moeda sem serrilha), mas começada no ano de 1835.

A moeda inglesa da rainha Victoria começou a ser gravada em 1837 (groat), mas só em 1838 se generalizou a sua efígie em quase todos os valores circulantes.

Como se sabe, o gravador que abriu os cunhos da nossa moeda decimal e os das moedas da rainha Victoria foi o mesmo, e este é o principal fundamento da minha opinião, já expressa, de o perfil da rainha Victoria se filiar no de D. Maria II.

Historiemos, porém, as causas que motivaram entregar-se ao estrangeiro a gravação das nossas moedas desse tempo:

Teixeira de Aragão refere, nas anotações do seu erudito «Catálogo», que na nossa Casa da Moeda não havia, então, gravadores competentes, e, de facto, os que existiam não tinham envergadura nem condições para fazerem obra de vulto, pois até, quando, em 19 de Julho de 1835, foram enviados ao Ministério da Fazenda os desenhos das moedas de prata do novo sistema, feitos pelo nosso gravador Francisco de Borja Freire, eles não agradaram, tendo-se por isso encomendado outros cunhos em Londres, ao abridor Wyon, que já estava incumbido de lavar a moeda de ouro decimal, visto que já nesse mesmo ano, pela citada razão de não haver artistas habilitados, se havia ordenado que os cunhos das moedas de ouro de 5000 réis e de 2500 réis, fossem abertos naquela cidade.

Para isso o Governo Português havia pedido ao Governo Britânico para consentir que William Wyon viesse a Lisboa, com o fim de fazer o modelo do busto de D. Maria II para o novo dinheiro de Portugal.

William Wyon, gravador chefe da Casa da Moeda de Londres, (1) nasceu em Birmingham, em 1795, tendo falecido em 1851. Era filho e neto de gravadores e pertenceu a uma família que toda ela se dedicou à arte de Flaxman (2). Tendo obtido consentimento do seu governo para vir a Portugal, embarcou em Inglaterra no dia 22 de Setembro de 1835 e, depois de uma tormentosa viagem, chegou em salvação (in safety) a Lisboa, onde esteve durante seis semanas, tendo sido absolutamente proveitosa, pelos resultados obtidos, a sua vinda à nossa terra.

A effigie de D. Maria II, para a gravação, foi tirada de um seu retrato de meio perfil, requisitado pelo Provedor da Casa da Moeda ao seu proprietário Paulo Midosi (3).

No entanto, valha a verdade dizer-se, no perfil conseguido por Wyon estão nitidamente vincados traços da raça anglo-saxónica, sem contudo esta característica lhe tirar a mínima parcela de beleza, e antes constituindo o todo uma maravilha «suigeneris.» Obra prima da sua arte, que o influenciou a ponto de definir o seu estilo, ela levou-o, mais tarde, quando foi chamado a abrir os cunhos para a moeda da rainha Victoria, a não sair dos moldes concebidos anteriormente, o que se justifica pela insatisfação que lhe daria qualquer alteração substancial à sua obra mestra-

(1) Chief engraver at the Royal Mint.

(2) Célebre gravador inglês.

(3) Ver arq. da Casa da Moeda de Lisboa, reg. geral, Livro XV, fls. 44 v.

Mas a verdade é que a moeda inglesa gravada por Wyon agradou muitíssimo. Continuava a ser a mesma obra prima, visto serem mínimas as modificações, e note-se que, tendo aparecido as primeiras em 1837-1838, só, salvo êrro, em 1862 e já muito depois do falecimento de Wyon, é que o perfil de rapariga da rainha Victoria foi substituído por um outro, jovem e um pouco diferente; só muito depois, em 1899, é que apareceu o busto desta rainha como matrona.

Da medalha feita por Wyon para a gravação da moeda inglesa, tirou-se também a effigie para os selos postais de Inglaterra, emissão de 1840, e é de notar o facto de a imagem da rainha nos selos, tanto daquelle País como nos das suas colónias, não ter sido substituído em qualquer série até final do seu reinado (última emissão 1887-1900).

O certo é que de tudo quanto tenho dito se pode muito bem inferir que foi o busto da nossa D. Maria II que inspirou a idealização do perfil da maior rainha do mundo e creio bem não dever repugnar a qualquer dos nossos illustres numismatas ficar em concordância com este parecer.

Vejam-se os trabalhos, após a sua volta a Portugal, de Francisco de Borja Freire, a quem já atrás me referi, que foi a Inglaterra aperfeiçoar-se no seu officio e que ali teve como mestre, entre outros, W. Wyon. Nos seus gravados para modificação do busto de D. Maria II, suggestionado pela escola e pelo trabalho do mestre, apenas lhe alterou o ar de jôvem, deixando-lhe quase todas as características do perfil primitivo e isto a tal ponto que, à primeira vista, até se confundem.

Da mesma forma, nas modificações da moeda inglesa também se nota a traça das primeiras gravadas por Wyon. Repare-se nas do gravador (T. B.) que modificou o pescoço degolado para busto com ombros, e nas da rainha Victoria em idade madura, que apresentam a coroa em vez da fita, o véu, os brincos e o colar, mas que apesar das alterações sofridas mantêm, contudo, um pouco do ar original.

As moedas portuguezas do novo sistema decimal com a effigie de D. Maria II, das datas de 1836 a 1850, têm todas o seu perfil de rapariga; e nalgumas vêem-se as iniciais W. W. do gravador Wyon, por baixo do busto em relevo, no golpe que degola o pescoço, o que aliás também se verifica nalgumas moedas e selos da Inglaterra.

Destas moedas portuguezas, cujas matrizes, como se disse, foram abertas em Londres, começaram a circular primeiro as de 5000 réis, tendo os respectivos cunhos chegado a Lisboa, à Casa da Moeda, em 9 de Agosto de 1836, sabendo-se até que eles vieram acompanhados das provas e da recomendação de logo se começar a cunhagem.

Nas moedas portuguesas de 1851 a 1853 vê-se a effigie de D. Maria II, com aspecto de mulher j6vem, e neste 6ltimo ano aparece o seu busto j6 de mulher de meia idade, e todas t6m as iniciais F. B. F. do gravador Borja Freire.

E j6 agora, seja-me permitido comparar as duas imagens feitas por Wyon, para se ajuizar das suas semelhanças :

Penteado e ondas do cabelo, quase iguais, diferindo um pouco no puxo.

Diadema de D. Maria, substituido por uma fita nas da rainha Victoria, mas ambos os ornamentos na mesma posiç6o.

Golpe que degola o pescoço, igual em ambas.

Curva do pescoço atr6s, quase igual.

Orelhas, com o mesmo desenho.

Curvas da testa, nariz e queixo, com as mesmas caracteristicas.

Boca, semelhante.

Cavos dos olhos, iguais.

Posiç6o da cabeça no campo da moeda, a mesma.

Aspecto geral, muito parecido.

Pormenor tamb6m a realçar, a effigie de D. Maria 6 no conjunto mais bonita, mas j6 salientei o tipo da raça anglo-sax6nica que apresenta e que lhe d6 at6 um aspecto de mais idade, pois h6 que ter em vista que, quando foi feita a gravaç6o, ela apenas tinha 16 anos.

Em conclus6o: — N6o estou a criticar a obra de William Wyon, mas sim a chamar a atenç6o para um facto que nos deve regosijar, por podermos dizer que, embora tiv6ssemos ido buscar a Inglaterra o gravador para as nossas moedas, o certo 6 que a obra que ele fez para Portugal foi o modelo ou sugest6o para as moedas que posteriormente gravou para os ingleses.

Se o gravador 6 ingl6s para as moedas portuguesas, o perfil da rainha Victoria, nas primeiras moedas do seu reinado, t6m *um ar de Sua Graça a Rainha D. Maria II de Portugal*,

CARLOS FERNANDO DE SOUSA SANTOS

UM FICHEIRO DA BIBLIOGRAFIA NUMISMÁTICA PORTUGUESA OU DA QUE A PORTUGAL INTERESSE

À consideração dos confrades da *Sociedade Portuguesa de Numismática* me permito submeter a sugestão que segue.

Além das obras Gerais que à nossa Numismática ou à dos povos que habitaram o nosso território se dedicam, e que mais ou menos são de geral conhecimento, grande número de trabalhos parciais têm sido publicados em Revistas, Jornais, Folhetos, etc., que muitas vezes escapam ao conhecimento de quem se queira interessar por determinado assunto.

É claro que o que digo tanto se aplica a moedas como a medalhas, como ainda aos exemplares agrupados na divisão denominada *Tesseralogia*.

Afigura-se-me então que seria um serviço prestado aos sócios da *Sociedade Portuguesa de Numismática* que esta levasse a efeito uma catalogação de todos os trabalhos gerais ou especiais, numa colaboração de todos os seus membros e a que a sua interessante *Revista NVMMVS* daria forma.

— A primeira cousa a assentar seria se a catalogação devia incidir apenas sobre moedas, ou se devia englobar os trabalhos de *Medalhística* e de *Tesseralogia*.

Como costume sempre fazer, exprimo a minha opinião, e ela é de que entendo que seria mais aceitável abranger as três grandes divisões da *Numismática*.

— O segundo ponto seria determinar a sua extensão.

Numismática só portuguesa, ou portuguesa e dos povos que habitaram os nossos territórios?

Da mesma forma que anteriormente, expresso o meu voto pela maior generalidade.

— Um terceiro ponto será o da forma dessa catalogação.

A forma antiga de uma lista por ordem alfabética de assuntos ou de autores, ou a de *verbetes* que depois cada um colleccionaria separadamente?

Considero ser esta última a forma mais aceitável, pois é a que permite, sem emendas, a introdução de novos assuntos, entre os já considerados.

— Quarto ponto será: *verbetes* sem qualquer indicação especial, ou encimados pela chamada *classificação decimal*?

Sem hesitação, inclino-me para a segunda solução, limitada na sua aplicação ao que fosse razoável, sem levar a uma especialização minuciosa,

de interesse em determinados assuntos, mas desnecessária no caso em questão.

São estes, segundo se me afigura, os pontos principais em que haveria a assentar. Antes, porém, de prosseguir, expondo a forma de efectivação que poderia ser utilizada para pôr em prática o meu pensamento, como a que denominei *classificação decimal*. não é de todos conhecida, indicarei as suas bases que permitirão compreender porque escrevi *limitada na sua aplicação*. O «*Institut International de Bibliographie*», com séde em Bruxelas, no intuito de permitir o agrupamento dos trabalhos que versem os mesmos assuntos publicados em vários Países, em várias Revistas, em vários lugares, etc., considerou uma *primeira tabela base* de assuntos gerais numerados de 0 a 9.

- 0 — Generalidades — Obras gerais.
- 1 — Filosofia.
- 2 — Teologia — Religiões.
- 3 — Ciências Sociais — Direito.
- 4 — Filologia — Linguística.
- 5 — Ciências puras.
- 6 — » aplicadas.
- 7 — *Belas Artes*.
- 8 — Literatura.
- 9 — História — Geografia — Biografias.

Cada um destes *assuntos bases* divide-se da mesma forma *numa série de assuntos* numerados também de 0 a 9.

Assim a classe 7 — *Belas Artes* — que é a que interessa para o caso que estou considerando, — tem a divisão seguinte:

- 7 — *Belas Artes*.
- 7.1 — Urbanismo.
- 7.2 — Arquitectura.
- 7.3 — *Escultura*.
- 7.4 — Desenho e Decoração.
- 7.5 — Pintura.
- 7.6 — Gravura.
- 7.7 — Fotografia.
- 7.8 — Música.
- 7.9 — Jogos — Desporto.

Por sua vez cada um destes *assuntos secundários* já designados por 2 algarismos se subdivide em nova série de *assuntos terciários*.

E assim o grupo 7.3, divide-se em 7.3.1, 7.3.2 etc., até que 7.3.7 corresponde à *Numismática*.

Mas a *Numismática* compreende *moedas, medalhas e tésseras*, e então ter-se-á o grupo terciário 7.3.7 (7. — *Belas Artes*, 7.3 — *Escultura* 7.3.7 — *Numismática*) dividido em

- 737.1 — Moedas
- 737.2 — Medalhas
- 737.3 — Tésseras

Sem levar mais longe os exemplos compreende-se como, pela adjunção de outros números, se pode indicar se a *moeda* é portuguesa, se romana etc., se é de ouro, de prata, etc. . .

Está assim explicado porque eu escrevi *limitado na sua aplicação* até onde fosse julgado conveniente e útil.

Acrescentarei apenas que o emprego da *classificação decimal* nos nossos verbetes daria um aspecto moderno e científico ao empreendimento.

Fechado este parêntese, passo a referir-me à efectivação da minha ideia.

Exposto o assunto na «NVMMVS», recolhida a opinião dos nossos consócios sobre os vários pontos tratados e resolvido pela Direcção da *Sociedade* o assunto em última análise, uma circular pediria aos associados para indicarem todos os trabalhos de que tivessem conhecimento, e ouvido o *Institut International* para assentar bem na numeração, pois que eu apenas conheço os seus fundamentos, e publicada esta, em cada número da nossa Revista sairia uma ou mais folhas de *verbetes*, produto da colaboração dos associados, impressos só de um lado, com indicação dos assuntos, autores, data e local de publicação, que, cortados e colados em cartolina, constituiriam um interessante ficheiro para cada um de nós.

Afigura-se-me que a efectivação deste ficheiro daria um especial interesse à nossa *Sociedade* e seria de benefício para os seus associados.

Os consócios apreciarão.

RAÚL DA COSTA COUVREUR

Comissão de Numismática e Sigilografia
da
Associação dos Arqueólogos Portugueses

EXTRACTOS DAS SESSÕES

Recebido em 21-XI-54

Sob a presidência do Senhor Dr. Eduardo Neves, secretariado pelo Senhor Eng. Joaquim Ferraro Vaz, e com a assistência do Vice-Presidente, Senhor Comandante Alfredo Mota, e de vários outros membros, reuniu-se a Comissão de Numismática e de Sigilografia da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Usou em primeiro lugar da palavra o Senhor Dr. Eduardo Neves, que, em nome da Mesa cessante, fez o elogio da nova Mesa agora eleita, agradecendo simultaneamente a colaboração que sempre lhe foi prestada por todos os membros da Comissão de Numismática, e congratulando-se pela nova eleição da figura competente e dedicada do Senhor Eng. Raúl da Costa Couvreur, para o cargo de Presidente da mesma Comissão que, — disse — já ocupara anteriormente com raro brilho e competência.

Seguidamente, o Senhor Dr. Eduardo Neves transmitiu a presidência da sessão ao Senhor Eng. Raúl da Costa Couvreur, o qual, secretariado pelo Senhor Major Ismael Joaquim Spínola, agradeceu sensibilizado as congratulações do Senhor Dr. Eduardo Neves, cujas qualidades e trabalhos disse serem do maior valor para a Comissão de Numismática, destacando, do mesmo modo, os valiosíssimos trabalhos do Senhor Eng. Ferraro Vaz, e do Senhor Dr. Rego Fronteira, na elaboração de um recente parecer solicitado pela Agência Geral do Ultramar à Associação dos Arqueólogos Portugueses, acerca de uma importante colecção de moedas ultramarinas. Usaram igualmente da palavra o Senhor Major Ismael Joaquim Spínola, o Senhor Eng. Ferraro Vaz, o Senhor Comandante Alfredo Mota e o Senhor Dr. Rocha Souto.

Começando os trabalhos do corrente ano de estudos, o Senhor Major Spínola proferiu em seguida uma comunicação acerca da «Possibilidade do funcionamento de uma oficina monetária em Évora, sob o reinado de D. Afonso V», sugerida pela inicial maiúscula de um ceitil do referido monarca, recentemente encontrado nas proximidades daquela cidade, comunicação que foi apreciada pelo Senhor Eng. Ferraro Vaz e pelo Senhor Presidente, que lamentaram a inexistência de documentos escritos, ou de maior número de moedas, que permitam chegar a uma conclusão quanto ao ponto discutido, congratulando-se com a marcha dos estudos da Comissão e felicitando o Senhor Major Ismael Spínola pelo cuidado e probidade científica do seu trabalho.

Finalmente, o Senhor Presidente anunciou que na próxima sessão o Senhor Dr. Rocha Souto, fará uma comunicação intitulada «A Exposição sobre Figuras e Panoramas da Medicina de outros tempos, no Hospital de S. José — e a primeira medalha de homenagem a Sousa Martins».